

ELEGIA AO AMOR

*Francisco Ramos de Farias**

RESUMO:

Este artigo aborda o amor em seus diferentes aspectos, considerando a experiência relativa ao encontro entre amante e amado. Para falar do amor tecemos uma escrita e convocamos as mulheres. Mas, constatamos ser esta uma tarefa impossível. Por isso, lançamos mão de fragmentos de cartas, de poesias, de declarações e de tudo que indica uma trilha para o amor. Pela vertente da escrita, remetemo-nos ao momento fundador de uma clínica, mediante o encontro de um homem, Sigmund Freud e algumas mulheres que se tornaram célebres nos anais do saber psicanalítico. Nesse contexto destaca-se o amor de transferência, mola fundamental a ser manejada na experiência analítica. Essa singularidade fez com que a Psicanálise seja um saber sobre o particular de cada sujeito e uma clínica destinada ao sofrimento neurótico.

PALAVRAS-CHAVE: Amor. Plenitude. Sofrimento. Transferência. Morte.

* Francisco Ramos de Farias é professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Endereço: Rua Voluntários da Pátria 481 apto 803 22270000 – Humaitá – Rio de Janeiro. Tel: 21 25375866. E-mail:.

A mulher é para ser amada e não para ser compreendida!

INTRODUÇÃO

O mágico espelho ou o grande amor entre Narciso e Goldmund. É assim que se lê na projeção sobre as cortinas que, aos poucos, vão cedendo sua quietude. De repente, estamos diante de uma ágora e que como tal, supomos, ali se cantará ou se falará sobre alguma coisa. Seria então um discurso sobre o amor? Não! Preferimos que fosse um canto sobre o amor! Mas para cantá-lo, convoquemos os amantes e antes de tudo, cuidemos do cenário. Em um dado lugar, o copo, a virtude, o vinho, a música e o sonho são o material para a montagem de uma encenação, quer dizer: cenas em ação sobre o amor. Perguntarão os espectadores perplexos: essas pessoas vão se amar em cena? Qual cena? Será que fazem cena, entram em cena, entram na cena, ou representam a cena própria do existir? As inquietações se multiplicam tal como os feixes de luz no infinito.

Pensemos este lugar: um quarto escuro, onde um velho *abat-jour* insiste em agredir a penumbra que desdenha da pobre luminária. Ao que sabemos esse lugar foi inventado para que as mulheres pudessem, nele, enfileirar, uma a uma, as infelicidades, os cânticos, as glórias, os encantos e desencantos acerca do amor. Mas, somente as mulheres? Não. Os homens também estão presentes nessa ágora.

A luz, senhora de si, invade os recantos (mesmo debaixo do divã) do aposento reinando de forma feliz e vitoriosa. Não se sabe bem se é a luz do *abat-jour* ou o feixe luminoso que emana do olhar de um homem, Sigmund Freud, para algumas notáveis mulheres

e dessas mulheres para esse notável homem. Nada escapa ao olhar (mesmo que o demasiadamente visto seja também demasiadamente ignorado), de modo que se vê em um criado-mudo, um livro de Holderlin contando uma paixão impossível. Na escrivaninha encontram-se uma caixa de charutos, um livrinho de anotações, uma caneta, uma garrafa de vinho e um copo. Vê-se também, como que deixado por descuido, num canto da sala, uma velha partitura para violino e orquestra de uma cantata intitulada *as dores de um amor impossível* que foi executada em uma alcova particular e que teve, em seu primeiro ato, os personagens Breuer e Anna O., os quais, atualmente, encontram-se fora dos colóquios sobre o amor. Mas suas sombras estão presentes em diversos lugares no transcorrer de um século. Execução interrompida de forma brutal quando o homem não pôde mais continuar em cena, deixando uma “partitura” que clama por ser tocada e cantada. Tamanha é a sua inquietação a ponto de fazer movimentar o retrato de uma velha senhora (quem sabe um soprano famoso), esquecido em uma parede, onde sequer chega a iluminação do *abat-jour* ou da luz do sol. Lamenta-se o soprano da foto: por que se esqueceram de mim? Provavelmente, ninguém me ama mais!

Um quadro branco, em uma outra parede, contém apenas a seguinte inscrição enigmática: nada novo debaixo do Sol. Que ironia para um lugar meio escuro! Seria uma espécie de elegia de Salomão? Disso, não sabemos por que, apesar de o primeiro ato já ter sido executado e prematuramente interrompido, estamos ainda no afinamento dos instrumentos da orquestra e no aquecimento das vozes dos solistas e do coro. Além do mais, o maestro ainda não entrou em cena. No chão, não se sabe por que, encontra-se um velho compêndio em que se lê: Tratado da Cura. Cura pela palavra! Cura pelo encontro privado! Cura pelo canto! Ou, simplesmente uma forma de encantamento?

Nem mesmo a afinação do violino parece quebrar a taciturnidade desse ambiente, a não ser o mágico espelho em branco e filigranas em ouro, um remonte à era barroca. Chegamos ao espelho e ao duplo. Duplo de quê? Do engano, da ilusão, talvez. O que importa é que haverá a possibilidade de continuidade, de completude e mesmo a garantida magia produzida pelo espelho.

O espelho ri da penumbra e da luminária; do vinho e do tratado, como também não suporta a conversa das pessoas que ali se encontram. Ri também da falta de acordes no afinamento dos vários instrumentos e da dissonância das vozes que, somente para o espelho, em função do aquecimento, sugerem uma possível desarmonia. Ainda assim, reflete tudo, inclusive, o que é inerte. O espelho faz uma aliança com os livros que versam sobre o amor, que retratam o tempo do amar: sabe que o é já foi e o que era sê-lo-á de novo. Ri das promessas, das perdas, das juras, das mentiras ditas como verdades, das verdades silenciadas e dos sussurros. Ri também do próprio escárnio da penumbra, mas, apesar de refletir tudo e parecer vivo, não fala como o quadro que se assusta com a sua voz. Apenas reproduz uma mensagem contida em algum lugar, sem criar nada e por isso mesmo surpreende.

Em nome do apelo do quadro, o espelho formula o convite para que os personagens entrem em cena: é preciso dar continuidade à obra interrompida. Primeiro Sigmund Freud e em seguida as mulheres que sofriam dos males do amor. Anna O., recusando-se participar desse acontecimento, por acreditar ter concluído seu ato, envia seus escritos. A que se deve o convite? As mulheres são chamadas para falarem do amor. Estranho é que venham falar de amor e das dores do amor para um homem, sem saber que vinham mesmo para amá-lo. Amaram-no profundamente, mas não queriam nada saber sobre isso. Apenas culpavam os homens quando se julgavam não serem suficientemente amadas.

DO CLÍNICO GERAL À “ENFERMEIRA” DO PAI: O AMOR.

Começemos pela inquietante indagação de Freud (1932): o que é uma mulher?, já que o tema em pauta é o amor e ninguém melhor que as mulheres para testemunharem e expressarem esse acontecer tão fundamental à vida.

Falar do amor é falar de enigma, de mistério, além de se tangenciar um bosque obscuro, pois o amor é o que toca o nada existente entre o homem e a mulher ou entre dois falantes quaisquer. Aliás, é somente nesse encontro que esse nada existente toma corpo, como aconteceu, para a Psicanálise, no famoso encontro do final do século XIX, que teve, de um lado, um homem e, de outro, uma mulher. Poderíamos nos referir a esse nada como o vazio, ou mesmo como um excesso? Seja como for, temos de falar desse vazio, mesmo na impossibilidade de dizê-lo, para não temos desfechos tão funestos, conforme ocorreu na fuga trágica de Breuer devido ao temor aos efeitos demoníacos de Eros trazidos à baila por Anna O (Lacan, 1960-61).

Já que a evocamos, encarreguemo-la, bem como as demais mulheres de uma tarefa nada fácil: dizer o impossível amor. Mas, por que isso? Ora, sabemos que as mulheres, essa metade dos seres falantes, encarnam aquilo que há de mais enigmático. Quer dizer: convocar a mulher para falar do amor é solicitá-la a exercer uma ocupação deveras delicada e impossível, pois seria querer que a mulher falasse de seu gozo. Não obstante: “[...]o que há de indizível em relação ao gozo da mulher, ninguém é capaz de decifrar, à medida que está diante de um excesso que toca o enigma próprio do feminino, encarnado e marcado na carne da mulher” (Farias, 1996, p. 141).

Assim, quando fazemos o encontro da mulher com o amor somente obtemos um vazio. Então o que fazemos com o amor? Em primeiro lugar, devemos nos dedicar a refletir sobre as tantas histórias de amor. Isso já é o amor! Pelo menos, é uma tentativa, pois o que está em jogo é um ideal: refletir sobre o amor. Tomemos os escritos criados meticulosamente por Anna O. e feitos pelas mãos de Joseph Breuer. O que faremos? Há nisso um segredo? Certamente. Sabemos que Breuer nos informou que o aspecto sexual da vida dessa jovem senhorita encontrava-se pouco desenvolvido (Breuer & Freud, 1895). Por que essa nuance saltou-lhe aos olhos? Por que esse aspecto, o sexual, chamou a atenção de Breuer, os quais foram os empecilhos que o cegaram para que não o tivesse lido muito bem? Pensemos: se são escritos, é preciso que sejam lidos, aliás, muito bem lidos! Daí então resta-nos lançarmos numa aventura: realizar uma reflexão sobre o amor. Por onde começar? O caminho mais profícuo que dispomos são os escritos, as cartas, as poesias e enfim, tudo o que já se escreveu sobre o amor.

Refletir sobre o amor: quem se ocuparia de tal empreitada? Pensemos que seria apropriado convocar as personagens que se encarregam de dar corpo, através das palavras, àquilo que é da ordem do indizível: o amor. Sendo assim, amante e amado, um diante do outro, entreolham-se perplexos quando se vêem na iminência de falarem do amor. Não desconhecem o ardor provocado pelas chamas das paixões. Acreditam naquilo que não é, brincam com o dia, com as águas, com as plantas, com o vento e enfim, com as cores. Sabem que é chegado o momento em que não há mais como se esquivar e então, um bastante sobressaltado, acreditando, no máximo, em sua sinceridade, indaga ao outro: precisamos falar ou devemos estar aqui como testemunhas vivas da presença um do outro?

As marcações agudas dos instrumentos já afinados e que parecem acordarem um projeto de estar em uníssono indicam que o clímax se aproxima. Corrida para a ocupação dos espaços já que o tempo, na sua inexorabilidade, urge em apelos constantes. No retorno impossível, ouve-se a doçura das vozes do soprano fazer eco em cena, murmurando, quem sabe, frases soltas apenas para aquecimento da voz do tipo: Eu não falo por que você quer. Por isso, me calo, pois se falo te deixo mudo. Entre em silêncio profundo. Mas, o grito se repete em um feixe de luz. Grito: balbucio, voz, palavra, canto, silêncio e infinito!

Mas será que somente esse canto como exercício de reflexão é suficiente? Acreditamos que não. Então, tomemos a via do dizer e tentemos, na esperança de que seja possível, falar do amor. Falar do amor! Isso parece tão antigo. Mas, se desde as priscas eras o homem não fez outra coisa a não ser falar do amor, por que então, até hoje, se sabe muito pouco? Por que, também, a invenção, no século XX, para o sofrimento neurótico, tomou como paradigma o amor, se “no discurso analítico, com efeito, não se faz outra coisa, além de se falar do amor?” (Lacan, 1982, p. 112).

Falar! Esse impossível. Do amor nada se sabe quando se ama. É impossível discursar sobre o amor. O impossível é relativo ao amor ou ao falar sobre o amor? Digamos que sejam as duas coisas. Para dizer o que é o amor deve-se, primeiro, sabê-lo e aí está o paradoxo: ao amar, o amante supõe que é o amado quem sabe sobre o amor. Ou melhor, amar é dar o que não se tem (Lacan, 1960-61). Que bela encruzilhada! O sujeito ao pretender dizer algo de sua experiência amorosa, ou seja, ao tentar nomeá-la, corre o risco de alienar-se de si mesmo. Por quê? Talvez porque quando se tenta dizer alguma coisa há algo que permanece para sempre mudo! O amor é cego aos olhos. Por isso, o olho vê bem o amor.

Será que refletindo e falando, teríamos esgotado tudo o que há sobre o amor? Claro que não. Onde estão as cartas de amor? Por falar de cartas de amor, lembremos da escrita. Então, escrevamos, para que não digam que não falamos do amor.

Através de uma carta encontramos uma mulher, numa situação difícil, em função de um segredo que não pode ser revelado. Diríamos: segredo de alcova. Referimo-nos ao conto-mistério de Edgar Alan Poe (1990) “A carta Roubada”. O que há de enigmático sobre o amor que nos atraiu nesse conto? Em princípio, uma carta é sempre uma carta, quer dizer: uma surpresa! Mas, tal carta pode muito bem ser de um amante e assim fomos atraídos pela traição: a carta chega para uma rainha, o rei encontra-se no aposento, sem ver a carta. O imenso poder desse rei é proporcional a sua imensa cegueira. Mas o ministro do rei, não só vê a carta, como também vê a dificuldade em que se encontra a rainha para dissimular e esconder tal objeto comprometedor. Sabemos que a ação da rainha é não chamar a atenção do rei sobre a carta. Por isso, podemos imaginar e somente podemos fazer isso, uma vez que o segredo da carta fica trancado, a sete chaves, com a mulher a quem a mesma se endereça. O que há de tão ameaçador nessa misteriosa carta? Como podemos aludir ao seu conteúdo? Trata-se de uma “carta de amor ou carta de conspiração; carta delatora ou carta de instrução; carta de ameaça ou carta de queixa angustiada. Do conteúdo nada se sabe e talvez nunca nada se saberá. Esse é o seu enigma” (Farias, 1996, p. 142).

Optamos, inicialmente, pela via de uma carta de amor e é essa a nossa escolha. Digamos que seja tendenciosa. Sendo uma carta de amor, estamos diante de um segredo temido e desejado. Temido porque a mulher é a rainha; desejado porque a carta põe em cena um possível amante da rainha. Essa é a questão que nos leva até o amor em função do limite em torno de um segredo que não se decifra. Aqui tocamos no que há de indizível no amor nas

mãos de uma mulher: o rei é “cego”, o ministro vê demais, a carta engana e a mulher dissimula. E então, como fica o amor? Fica mudo nesse segredo da carta que não se revela. Sendo assim, essa carta, mesmo que verse sobre o amor, nada revela sobre o amor. Esse não desvelamento é mesmo o amor.

A rainha com sua carta, de um lado, o remetente, do outro. Encontramos, desse modo, instalada uma impossibilidade. Eis a dimensão trágica do amor, pois não nomeável, ou nomeável apenas metaforicamente, implica também uma espécie de alienação ao se aproximar da ordem do narcisismo. Trágico, porém necessário “para promover uma celebração da vida em todas as suas perspectivas, e com toda a sua intensidade, mesmo a do sofrimento” (Maurano, 2001, p. 113). Quer dizer, atribuímos a quem amamos algo que se encontra irremediavelmente perdido em nós mesmos. Isso significa dizer que pelo amor o sujeito tenta dizer aquilo que julga não saber em si próprio.

Talvez seja esse o encaminhamento encontrado nas cartas de amor: a promessa de que é possível escrever sobre o amor e a esperança de encontrar, no amor, a completude. Assim: como ficamos? O que devemos fazer para nos referir ao amor? Pensemos: devemos amar, refletir, escrever e falar do amor? Não dispomos de tantos recursos a não ser as longas intermináveis histórias de amor.

Mas, além dessas histórias, é preciso falar do amor? Valemo-nos do que está ao nosso alcance. Lancemos, num vôo rasante, até a literatura para encontrar os “Fragmentos de um discurso amoroso” de Roland Barthes, que com o recurso dos fragmentos, produz uma imensa tessitura sobre o amor.

O que nos ensina Barthes (1992, p. 91)? Fala-nos da montagem de uma cena à medida que cria e dimensiona um “lugar onde alguém fala de si mesmo apaixonadamente

diante do outro (objeto amado) que não fala”. De todos os nossos esforços, o que encontramos são apenas fragmentos, ou seja: o discurso do enamorado produz-se em filigranas que dificilmente podem ser reunidas para constituir um texto, já que as marcas dessas filigranas são o vazio devido ao impossível de ser dito.

UM RECUO ÀS QUESTÕES DO AMOR

A luz do ambiente vai diminuindo aos poucos a ponto de fazer o mágico espelho submergir completamente na escuridão. Silencia-se a voz do quadro. Tudo agora é somente sombra, esse outro que ilusoriamente faz com que algo possa parecer continuidade. Recriam-se as trevas. Dessas trevas começam a se proliferar sons que, a cada aumento de intensidade, faz brotar um feixe de luz para que novos personagens entrem em cena. Nisso, o espelho sofre uma brusca torção. O que refletirá agora? Já que não há mais sombras restam apenas as assombrações advindas da ausência de luz.

Na posição em que nada recebe, o espelho, tão pouco, enviará alguma coisa. Já que as imagens não estão à disposição, façamos um apelo à palavra. O discurso produzido em nome do amor é tudo o que se dispõe para dar conta da ligação do ser inebriado pelo amor com a palavra, especialmente quando se coloca em pauta a moção mobilizadora para o encontro, sempre impossível, com a plenitude prometida pelos sons dos instrumentos e pela voz. A plenitude idealizada faz parte da esperança existente no amante e no amado de se lançarem em um lugar de completude, de perfeição e de satisfação absoluta. Nesse lugar ideal

é vislumbrado o tão sonhado encontro com o objeto perdido. Doce a acalentadora ilusão! Mas não condenemos amante e amado por se iludirem. Sabemos que quem abriu essa cortina e descortinou as ilusões, foi Descartes (1973), quando mostrou em “As Paixões da Alma”, que com relação ao amor não há revelação possível. Isso então impossibilita que haja revelação no amor? Ou mesmo desvelação, como nos apontou Heidegger (2001)?

Por mais que se espere alguma coisa no amor, é sempre uma intransponibilidade que está em jogo e é isso que faz parte do encontro no amor, uma vez que amante e amado se unem diante de um abismo que os lança ao infinito. Na esperança vã de vivência ligada à infinitude, cada um, ao seu modo, espera uma harmonia plena e perfeita que somente pode ser sustentada nos recônditos das mais ardentes paixões. Sendo assim, tracemos, ou melhor, tentemos circundar os ideais nos chamados compêndios sobre o amor.

Ah! tantos escritos sobre o amor...

Tantos escritos, tantos versos, tantas prosas e porque não, tantas tentativas de se falar do amor? De letras, de palavras, de frases e de outros tantos recursos se valem aqueles que amam quando pensam em dizer algo sobre o amor. Mas de qual lugar empreendem essa tentativa quando acreditam serem porta-vozes do amor por acreditarem também que viverem um amor? Certamente viveram e isso ninguém pode negar pelas chagas que o tempo, inexoravelmente, faz aparecer naqueles que amaram como prova indiscutível que houve amor. Assim, qual a posição dos interlocutores diante do amar e desses fragmentos que, forçosamente, figuram nas suas mentes, sobre o amor? Escolhamos, entre tantos, o nome de um desses interlocutores para que saibamos o que pensam. Quem encontramos? Chegamos a Barthes quem nos coloca, frente a frente, com vários de seus interlocutores, deixando-nos a opção de tomar um rumo, quando nos sidera diante de tantos heróis e heroínas, que através de

sua pena, falam-nos, ou tentam falar do amor. Orientamos-nos por essa via aberta para tentar falar do amor. Por essa encruzilhada nos deparamos com as escritas freudiana e lacaniana, já que nosso ofício é a clínica.

Inicialmente diríamos que, para querermos falar do amor na clínica, amamos e amamos muito Freud e Lacan para os termos escolhidos em função do saber. Até porque “a quem suponho o saber eu o amo” (Lacan, 1960-61, p. 91). Aliás, o saber desperta o amor e não o desejo.

Acreditamos que, rastreando a escrita desses dois pensadores, iremos finalmente tentar reunir alguns elementos para contextualizar o amor. Que travessia difícil! Apenas constatamos que ao nos depararmos com toda a gama de produções acerca do discurso sobre o amor, o que se presentifica é a impossibilidade de dizer sobre o Um do amor que jamais se fez Dois, devido sua imparidade radical. Fica então que somente posso dizer que amo, que falo, que gozo, mas que nada sei sobre o amor, sobre o tudo dizer e sobre o gozar. Principalmente nada sei quando amo, porque amo e porque amo a quem amo.

No pesar e na escuridão da dor, somente sei que amei quando o amor já se foi. E quando amei, tinha alguém ali comigo, Agora, aquele a quem amei não se encontra a minha frente, nem comigo para me falar do que se passou enquanto nos amávamos. Quando quero falar do amor não posso mesmo dispor de quem amei. Logo, encontro-me só e é na mais profunda solidão que posso dizer que amei. Nunca digo a ninguém que amei, somente me perco em longos solilóquios, dizendo a mim mesmo: houve um tempo em que havia o amor. Aquele a quem amei nada pode me dizer o que foi o amor. Também pudera! O amado, igualmente submerso na imensidão do vazio e da perda, e ainda por nada saber sobre o que se passa com o amante, tampouco, nada pode dizer.

Do amor ao impossível ou o impossível do amor: duas trilhas abismáticas. Depois de evocarmos, insistentemente, o amado e o amante para falarem do amor, somente constatamos aquilo que já sabíamos de antemão. Quer dizer: todas as empreitadas não podem evitar se depararem com o obstáculo relativo ao indizível do amor. Esse indizível faz com que haja, entre o amante e o amado, um abismo de tal ordem, a ponto de torná-los radicalmente distintos, ou seja: não há equidade no amor. Mesmo assim, sejamos insistentes e lancemos mão do que dispomos. O melhor que temos a fazer diante dessa árdua caminhada é convidar alguém e ceder-lhe à palavra para ser porta-voz do amor.

Como se trata de um texto psicanalítico e do amor à escuta, exigimos o comparecimento da mulher, já que alimentamos a crença de que, por diferentes caminhos, ela nos pode dizer alguma coisa sobre o amor. Não estamos com isso introduzindo nenhuma novidade. Apenas reavivando o que há de original na Psicanálise: a convocação de determinadas mulheres para fundarem uma clínica para o sofrimento humano, em que o trabalho se fundamenta no percurso das sinuosas trilhas abertas pelo amor. Essas mulheres abriram a boca e deixaram ecoar seus gritos sobre o amor, ou melhor, sobre os males do amor. Se estivermos repetindo o convite, o que estamos esperando? Que digam alguma coisa. Mas dizer o quê? O que é o amor? Ah isso não! Sobre isso já se discorreu suficiente, mas pouco se disse sobre o amor. Então por qual caminho enveredamos? Faremos uma reedição do momento inaugural e optamos pela convocação das famosas mulheres que compõem a galeria da Psicanálise? Certamente que não! Isso já foi feito e, além do mais, esta seria somente uma via. Apesar disso, é prudente não deixar de ouvi-las e também abrir um espaço para que essas mulheres famosas da Psicanálise falem. Aqui nos referimos à “galeria dos nomes famosos dos

anais da Psicanálise incluindo mulheres, na sua maioria históricas, que levantaram essa indagação sobre o amor” (Farias, 1993, p. 165).

O que diziam essas mulheres? Retrataram, de algum modo, em termos de uma singularidade, que estavam insatisfeitas ou que tinham um desejo insatisfeito. Mas quem são essas mulheres? Devemos, por questões éticas, deixar seus nomes em segredo? Evidentemente, não! Assim seremos solidários a elas e não corramos o risco de contrariar aquilo que lhes era mais caro: a possibilidade de enunciação enquanto ser desejante. Como sabemos que um nome encerra um ponto mítico referente ao desejo, iniciemos a lista dessas im-pacientes históricas. Convoquemos Anna O. para prestar uma grande homenagem por ter se disponibilizado, ter tido a coragem de ser o ponto originário das históricas de amor da Psicanálise e também por encabeçar a lista das mulheres que, muito contribuíram, com suas histórias de amor, ao falarem de seus desamores. Em seguida, comparece mulheres misteriosas ou mesmo os mistérios da mulher encarnados na mulher do açougueiro, em Irma, em Elizabeth von. R. em Katharina, em Emmy von N., em Lucy, em Dora e em outras tantas. Todas se apresentaram à Psicanálise (com exceção de Anna O.), como mulheres recatadas que sofriam de dores e males relativos ao amor, retratados em termos de pudor e voluptuosidade. Enunciaram a Freud (1895), com todas as letras, que eram portadoras de uma dor e que essa dor fazia parte do viver de cada uma, pelo fato de que, muitas vezes, por estarem amando, confundiam o amor com o sofrimento. Além disso, ao chegarem a Freud ensinaram-no a ser perspicaz em deslindar o que se revela pelo desejo e pela sua realização. Quer dizer: o que ficou patente foi a não-realização do desejo. Daí, se prontificaram em demonstrar, que o desejo somente se vincula àquilo que é da ordem do impossível. Impossibilidade era então a palavra do dia que Freud, continuamente, ouvia da boca dessas senhoras im-pacientes.

Sabemos que eram reticentes em relação aos segredos que guardavam e por isso acreditavam estarem escondendo determinadas coisas o que fez com acabassem por revelar segredos preciosos e originários convertidos em conceitos fundamentais. De que modo?

Dora comunica a Freud (1905) que se ali, no consultório, ela não é ouvida nada resta a fazer a não ser ir embora e é o que faz deixando frustrada a esperança dele em ter uma análise concluída. Entra em cena uma informação sobre o perigo relativo ao manejo da transferência

A mulher do açougueiro apresenta-lhe um desafio: diz-lhe que sua teoria do sonho estava errada e que o sonho não poderia ser considerado como uma realização de desejo. Afirma categoricamente que ela mesma teve um sonho que comprovaria o erro da teoria de Freud. Sem saber, essa senhora contribuiu de forma significativa para a Psicanálise.

Elizabeth von R. queixava-se de que suas dores continuavam, sugerindo a Freud a ineficácia do tratamento. Freud ciente de que esse sofrimento, em parte ou na sua totalidade, devia mesmo estar relacionado a questões concernentes ao amor, insistia a essa senhorita que ela amava seu cunhado.

Anna O. depois da decepção com Breuer se posicionava contra a Psicanálise.

Através dessas sombras noturnas e desses bosques obscuros o que essas mulheres colocaram para Freud?

Falaram do amor através da histeria fazendo um apelo de que queriam ser ouvidas, mesmo na condição de desafiantes. Assim foram coadjuvantes de Freud e participaram de um sarau em que somente se falava do amor, na esperança de que Freud, como homem, pudesse pelo menos entender o que é uma dor devido ao amor. Queriam que

Freud acreditasse na veracidade de seu sofrimento devido às intempéries que decorriam do fato de estarem amando.

Mas é preciso que saíamos por um momento, do âmbito restrito da Psicanálise, mas não do amor, pois existem outras mulheres que também clamam por falar de seus amores, suas dores, suas alegrias e seus dissabores. Pela ordem do dia, vamos iniciar fazendo um apelo àquela que retrata o amor de forma incondicional. Ouçamos o eco de sua voz: “o seu amor, ame-o e deixe-o, livre para amar” (Gil, 1978). Onde existe essa mulher? Quem pensa assim é mesmo uma mulher? Mas, que mulher?

O que dirão os amantes ao ouvirem ecoar essas palavras na boca de uma mulher? Pensarão: está louca ou não acredita no que diz. Essa é a mulher que se mostra no engodo como quem pode ser compreendida. No entanto, o seu sacrifício só tem sentido se for amada. É compreensiva somente se for amada.

Mas, certamente, as coisas não param por aí, pois, uma outra mulher ao se apresentar, na condição de culpada, apela para seu amado dirigindo-lhe as palavras: “errei sim. Manchei o teu nome” (Alves, 1950). Que amor é esse? O certo é que essa mulher acredita que ama e que ama tanto a ponto de admitir que errou. Mas errou por amor. Obviamente faz uma confissão. A quem? Ao amado? Certamente não! Essa mulher fala para a dor que lhe invade por achar que traiu seu amado. Não será essa traição uma denúncia que essa mulher faz ao amado, falando-lhe da falta que lhe acomete em razão do amor?

De duas possibilidades, uma: essa mulher se encontra insatisfeita por esperar a plenitude no amor, ou seu amado não é mais o objeto de sua idealização. Quer dizer, esse homem perdeu o encanto para essa mulher. Sabemos, com convicção, que esta mulher não

pensa na outra face de Eva, como sendo aquela que diante de seu amado lhe implora: “me perdoa por te trair” (Buarque, 1983).

Ficaríamos com essas duas versões do amor? Claro que não, pois lembremos que Carmen, heroína de Bizet, anuncia seu amor indomável, quando enuncia, de forma explícita, a impossibilidade de se definir o amor quando o compara a um pássaro rebelde (Matta, 2006). Frente aquele que não o ama mais, sabe que, pelas mãos de quem já amou, morrerá, porém não cede, pois é fiel aos seus sentimentos. Eis a forma de amor conhecida por essa mulher. Por isso, Carmen acredita nesse amor e sendo assim, nada a deterá. A prova disso é que ama e ama como deve ser o amor: sem fronteiras e acima de tudo, porque o considera como uma das virtudes, senão a principal delas. Firme de sua convicção luta contra tudo e contra todos, mente, engana, se deixa enganar e se sujeita a determinadas coisas sem, em nenhum momento, pensar em entregar-se. É apaixonado. Quando crê que nada mais há entre si e seu amado o abandona. Este, por não suportar o abandono, lhe implora o seu amor. Irredutível, Carmen não hesita em pronunciar as palavras que a levará para as trevas fúnebres.

O AMOR E A DOR

Que destino tão funesto! Carmen morre, ou melhor, aquele que diz que a ama acaba por matá-la. Eis um desfecho do amor: a morte? Será que é esse o lugar de encontro dos amantes? Será que a paixão levou Carmen e seu amado a isso? Certamente na morte nunca podemos pensar que o amor foi ali convocado. Amor e morte não são somente uma feliz (ou infeliz?) coincidência. Lembremos que esse tema, esse encontro do amor com a morte, já preencheu muitas páginas e já ocupou a imaginação de poetas, amantes e literatos. Sem nos

distanciar, lembremos Isolda , no ardor se sua paixão, por seu amado Tristão, lhe suplica que apenas venha, sem nada pedir-lhe (Williams, 2006).

O que seria mais patético no amor, quando comparado ao morrer que decorre do amar, pois *o* eu te amo sempre está colocando em cena um outro que, obrigatoriamente, faz com que eu me perca de mim mesmo. Falamos de perda, ou melhor de perdição e não de destruição, uma vez que o sujeito somente existe nessa invenção que é o amor, espécie de revolução súbita, de cataclismo, em que amante e amado são sempre únicos num dado espaço e num dado tempo. Por isso é próprio do amor a atração irresistível rumo a idealização e ao encantamento, na esperança, quem sabe, senão a última, de poder triunfar ou mesmo de cair num abismo, onde nem se ouve ecos das vozes do passado, ou mesmo esses ecos não fazem mais nenhum tipo de ruído. Do que falamos então, a não ser do êxtase e do arrebatamento onde o amante espera que o amado seja sempre mais desejado e sublime?

O amante produz sentidos que proliferam a partir do amado. No entanto, é a distância que sustenta o inevitável encontro do amor que tangencia a ordem de um sacrifício, espécie de experiência arriscada de perda e de perdição. Pensamentos poéticos são o viver e a esperança do amante com o propósito de garantia para seu devir. Sinuoso caminho, onde as palavras somente dizem “dores”, por calarem imagens longínquas e escuras. Amar é mesmo estar disponível para morrer. Ser amado é ser morto ou reconhecer-se vivo. Mas quem se reconhece vivo ao ser amado não estava morto? Certamente começou um novo tipo de vida ou nasceu para a morte? Disso sabemos pouco porque os amantes não se dispõem a dizê-lo.

O amante morre e morre quando olha a sua volta e vê que se encontra diante de um tempo que já não é mais. Num solilóquio, espelha para si: o que eu fui não posso mais sê-lo, resta-me apenas lembrá-lo como um país longínquo que ficou soterrado pelas trevas e que

me é, para sempre, inacessível. Agora tudo era outro e tudo é, para mim, que carrego fatos memoráveis, um Outro, pois o amado já morto não me serve de esteio e nem de suporte para alimentar minhas ilusões.

Evoquemos Freud (1930), contrariando nossa intenção inicial, no chamamento da lista de convidadas para se posicionarem sobre o amor. O que um homem pode dizer sobre isso: simplesmente que o amor não deve ser menos antigo do que a tendência ao assassinato.

Novamente fizemos tangenciar o amor e a morte. O tema da morte só é constantemente evocado porque no ardor das paixões referentes ao amor, há um apontamento em direção à vida, esperada em termos de felicidade, bem-estar e completude. Ora, o que é o abandono senão a decepção do amante, não frente ao amado, mas frente a si mesmo quando vê se descortinar suas ilusões? Diante do abandono, da solidão e da perda como falar do amor? Assim, a mulher surpreendida pelo rastro descuidadamente deixado pelo amado murmura para os astros e, na esperança de ser ouvida, pensa que o amor é o ridículo da vida. Esta mulher é a inconformada, que em nada se parece com aquela que monta um outro cenário e faz parecer ao amante que há possibilidade de compreensão em termos do amor. Está tão segura disso que não hesita em se presentificar ao seu amado, enquanto dócil e terna, acreditando que pode fazer algo para tê-lo e sabê-lo. Nesse caminhar de aventuras e desventuras, chama o amado por um eco que se lança ao infinito, mas na expressão maior do sentido do fogo dilacerante de sua paixão.

Acredita mesmo que tem que fazer alguma coisa para prender seu amor. Será que o prende pela boca; ou aceita as circunstâncias de seu amante interessar-se por outra, e faz isto de forma resignada? Tanto por um caminho ou por outro, já que ambos são igualmente tortuosos, nada faz senão sustentar a ilusão de que é possível viver de amor. Essa forma de

submissão, não é nem aceita, nem admitida por Violetta, heroína de Verdi, que se libera somente pelo amor (Matta, 2006).

FINAL

Discorramos um pouco mais para ouvirmos outra fala sobre o amor, ou melhor, toquemos no amor por outro lado. O que encontramos?

O amor de mãe. Ah! esse é necessário, terrível e sublime, principalmente, quando a mulher-mãe se depara com sua juventude perdida espelhada na filha. Diante de tão grande e insuportável ameaça, a mãe indaga aos deuses sobre a sua filha, perguntando: “Por que crescestes curuminha, assim depressa, se fosse permitido, eu reverter o tempo, te recolher p’ra sempre, pelo cordão do umbigo, p’ra escuridão do ventre, de onde nunca deverias ter saído” (Buarque, 1976).

Eis a mãe magoada, sofrida e revoltada, sendo também capaz de tudo. Teríamos nela uma versão de Medeia? Mas Medeia pensou que amava e matou seus filhos por amor, livrando-se do amado e privando-o do amor de seus filhos. Mas, não é Medeia, que na sua demonstração excessiva de amor, estava somente encobrindo o excessivo ódio a seu amado?

Depois de fazer perfilar essas mulheres, coloquemos em pauta o testemunho de um dos nossos interlocutores, ao qual nos remete Barthes, no seu *Fragmentos de um discurso amoroso*. Queremos com isso fazer Lacan ocupar o lugar de falante e, se é Lacan quem fala, o que nos tem a dizer é algo sobre uma modalidade específica de amor. Ele nos remete à

experiência com o inconsciente como uma possibilidade do amor ao nos indicar que “falar do amor, com efeito, não se faz outra coisa no discurso analítico” (Lacan, 1982, p. 112). Que amor é esse que Lacan recupera no texto freudiano? Em uma palavra: a transferência.

Se a transferência ocorre exclusivamente pela via do amor, (para isso Freud cunhou a expressão amor transferencial), logo a visada de Freud era o que podia ser declarado desse amor enquanto fala, movimento, devaneios, dores e tudo aquilo que se presentifica no discurso do analisante. Esse amor, por ter a cara de um paradoxo, fomenta a resistência.

Quando Freud (1915) nos fala de amor e certamente de transferência, nos está apontando um fenômeno que somente ocorre na clínica, como efeito de um sujeito que fala, testemunhando sua fantasia a ponto de nos indicar que naquele lugar (o dispositivo analítico) a transferência se torna um obstáculo ao progresso do tratamento. Queremos salientar que se trata de um obstáculo assaz necessário.

Com o que Freud se deparou no pedido insistente da histérica que, constantemente, reaviva suas demandas por mais amor? Sabemos que essas enigmáticas mulheres lhe reafirmavam o fato de não terem sido amadas o suficiente, quando falavam do amor, dos males do amor, das dores e de suas decepções frente ao amor. Nisso, tocam de perto, a impossibilidade específica em relação ao amor, pois como afirma Lacan (1992) só podemos, quando muito, falar de cartas de amor, de declarações de amor; o que não é a mesma coisa que falar do amor. Então o que se ouve na clínica senão um testemunho exaustivo de que houve amor ou a esperança desenfreada de que haverá amor?

Será o amor de transferência? Um falante ante o enigma que faz mergulhar em uma obscuridade e movido pela dor de seu sintoma afirma: você sabe como eu sofro, me humilho, me calo diante de você quando quero falar de meu amor. Como você é cruel. Me

ame ou diga que me ama. Esta é a mulher que quer ficar no corpo do amante feito uma tatuagem marcada a ferro e a fogo em carne viva. Por que tudo isso? Só podemos pensar em uma causa: é impossível viver sem amor. Pois “nem mesmo o tempo pode apagar o lado oculto da paixão” (Buarque, 1983).

Seja como for fica a pergunta: Como amar? Nada melhor que indagar aos poetas e às mulheres!

REFERÊNCIAS

ALVES, A. **Errei, sim**. Rio de Janeiro: EMI, 1950.

BARTHES, R. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Francisco

Alves, 1992.

BUARQUE, C. **A ópera do malandro**. Rio de Janeiro: Polygram, 1976.

_____. **Mil perdões**. Rio de Janeiro: Polygram, 1983.

DESCATES, R. **As paixões da alma**. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

FARIAS, F. R. **Histeria e psicanálise**. Rio de Janeiro: Revinter, 1993.

_____. Uma carta, um enigma e uma mulher. **Cadernos do Tempo Psicanalítico**. 2,

1996.

FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. (1895). **Estudos sobre a histeria**, v. II.

_____. (1905). **Fragmentos da análise de um caso de histeria**, v. II.

_____. (1915). **Observações sobre o amor transferencial**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XII.

_____. (1930). **O mal-estar na cultura**, v. XXI.

_____. (1933/1932). **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise**. “Conferência XXXIII (Feminilidade)”. vol. XXII.

GIL, G. **Os doces bárbaros**. Rio de Janeiro: Polygram, 1978.

HEIDEGGER, M. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

LACAN, J. (1960-61). **O Seminário: livro 8. A Transferência**. Jorge Zahar Editor, 1992.

_____. (1982). **O Seminário: livro 20**. Mais, ainda. Zahar. Rio de Janeiro, 1982.

MATTA, E. **Los misterios de la opera**. Buenos Aires: Plaza y Janes, 2006.

MAURANO, D. **A face oculta do amor**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

POE, E. A. **Contos**. São Paulo: Ediouro, 1990.

WILLIAMS, B. **On opera**. London: YUP, 2006.

Recebido em 02/06/2009

Aprovado em 20/06/2009

ELEGY TO LOVE

ABSTRACT:

This article approaches the love in its different aspects, regarding the experience pertinent to the encounter between lover and loved. To talk about love we weave a writing and convoke the women. But, we verify it as an impossible task. For that reason, making use of fragments of letters, poetries, declarations and about everything that indicates a trace to love. In the slope of the writing, remitting us at the foundation moment of the clinic, by means the meeting of a man, Sigmund Freud and some women that got a name on annals of psychoanalytic knowing. In this context be detached the transfer-love, presupposed to handle on experience of clinical analysis. This singularity made the psychoanalysis become a knowing about the particular by itself and a clinic destined to neurotic suffering.

KEYWORDS: Love. Plenitude. Suffering. Transference. Death.

ÉLÉGIE À L'AMOUR

RÉSUMÉ:

Cet article aborde l'amour dans ses différentes versantes, à considérer l'expérience associée au rencontre entre l'amant et l'aimé. À parler de l'amour, nous avons produit une écrite et nous avons convoqué des femmes. Mais, on constate que cette tâche c'est impossible. À cause de cela, nous prenons des fragments des lettres, des poésies, des déclarations et tous qu'indique un chemin pour l'amour. Pour la versante de l'écrite, on remet au moment original d'une clinique fondée par le rencontre d'un homme, Sigmund Freud et quelques-unes femmes qui ont devenu célèbres dans les annales du savoir psychanalytique. Dans ce contexte-là, on remarque l'amour du transfert, c'est-à-dire, la ressort fondamentale à être manipuler dans l'expérience analytique. Ce singularité a fait de la Psychanalyse un savoir sur le particulier de chacun et une clinique pour la souffrance névrotique.

MOTS-CLÉS: Amour. Plenitude. Souffrance. Transfert. Mort.

© 2010 *Psicanálise & Barroco em revista*
Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura/CNPq – UFJF.
www.psicanaliseebarroco.pro.br
Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.
Memória, Subjetividade e Criação.
www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista